

REVITALIZAÇÃO LINGÜÍSTICA E CULTURAL SATERÉ-MAWÉ

José de Oliveira dos S. da Silva (Nek'i Sateré Mawé) –
OPISMA¹

Dulce do Carmo Franceschini – UFU / LALI-UNB²
Denize de Souza Carneiro – UFU³

Introdução

Com a finalidade de fortalecer a língua materna e revitalizar os saberes tradicionais Sateré-Mawé, a Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá (OPISMA) vem desenvolvendo uma experiência de fortalecimento da identidade étnica, por meio de atividades que procuram revitalizar as práticas tradicionais indígenas e que levem a uma reflexão não apenas da importância desses conhecimentos, mas, principalmente, sobre as implicações de sua perda para o grupo como um todo. O presente artigo pretende apresentar esse trabalho de “Revitalização da Língua e de Práticas Culturais Tradicionais Sateré-Mawé”⁴, projeto realizado em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e que contou com o apoio financeiro do Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF) de 2006 a 2009, e que, de 2002 a 2006, foi apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas (FAPEAM)⁵.

1. Dados contextuais

1.1. Localização e população

O grupo Sateré-Mawé soma uma população de 8.500 pessoas (Teixeira, 2005) e a maioria dos seus membros vive na Terra Indígena Andirá-Marau, situada entre os Estados do Amazonas e Pará, na região do Médio Rio Amazonas, especificamente às margens dos rios Andirá, município de Barreirinha; rios Marau, Urupadi e Manjuru, município de Maués e rio Waikurapá, município de Parintins. No entanto, muitos Sateré-Mawé já migraram e continuam migrando para as cidades de Barreirinha, Maués, Parintins e Manaus.

1.2. Mobilidade e migração para as cidades

Conforme TEIXEIRA (2005), os indígenas da Amazônia estão em constante migração e esse processo também vem ocorrendo entre os Sateré-Mawé. Essa mobilidade ocorre de comunidade para comunidade dentro da Área Indígena e também em direção às cidades vizinhas (Barreirinha, Maués e Parintins). As principais causas dessa mobilidade estão associadas à visita a parentes, constituição familiar, problemas internos nas comunidades, períodos de festas tradicionais, busca por escola. Observa-se uma forte tendência à migração para as cidades, o que vem implicando num enfraquecimento da língua e cultura desse grupo, uma vez que, os costumes e “valores” da sociedade envolvente são facilmente assimilados por seus membros. Acredita-se que o crescimento desse processo migratório deve-se a incorporação de costumes e valores não indígenas, bem como de uma super-valorização destes em detrimento da cultura do próprio grupo. Muitos indígenas, influenciados pela cultura capitalista vigente, passam a pensar como a maioria dos brasileiros, isto é, em dar ao filho a possibilidade de ir à escola com a intenção de obter um diploma e em seguida um emprego assalariado, pensamento este predominante entre os que são responsáveis pela educação indígena nos diferentes municípios em que vivem os Sateré-Mawé e que acaba sendo repassado aos indígenas.

¹ Professor Sateré-Mawé, coordenador da Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá - OPISMA.

² Professora da UFU e pesquisadora associada do LALI/UNB; assessora da OPISMA.

³ Aluna do Mestrado em Estudos Lingüísticos da UFU; assessora da OPISMA.

⁴ Este projeto foi contemplado pelo *Prêmio Cultura Indígenas 2007 - Edição Xicão Xucuru* do MEC.

⁵ Este projeto também contou com o apoio da Diocese de Parintins-AM e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de Parintins.

Portanto, muitos migram para as cidades em busca de escola e “melhores condições de vida”, uma vez que a educação formal na área indígena é bastante deficitária e não responde à demanda do grupo. Tomando como exemplo as comunidades do rio Andirá, das 51 comunidades existentes, somente em 37 há escola formal, limitadas ao ensino básico (1º a 5º ano), sendo que apenas duas escolas oferecem o ensino de 6º a 9º ano. E em nenhuma dessas escolas é oferecido o Ensino Médio.

A falta de vagas para o Ensino Médio e o número limitado de vagas para estudar do 6º ao 9º ano na área indígena, com o agravante de, na maioria das escolas, não ser uma “educação diferenciada e de qualidade” que leva em conta as especificidades do grupo, seus etnoconhecimentos, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Indígena, é um dos fatores que tem contribuído à intensa migração dos jovens para as cidades. Melhorar a educação formal, transformando a escola indígena em uma escola valorizadora dos etnoconhecimentos e da língua do grupo, o que favoreceria a valorização da própria identidade, é o desafio que se coloca atualmente diante desse povo que há séculos vem lutando pela preservação de sua língua e cultura.

1.3. A Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá - OPISMA

A Organização dos Professores Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá (OPISMA) existe desde 1999 quando os professores Sateré-Mawé resolveram criar uma organização para cada região administrativa da área indígena Marau e Andirá-Waikurapá, as quais pertencem aos municípios de Maués e Barreirinha / Parintins, respectivamente. Devido à distância entre os municípios de Maués e Barreirinha/Parintins, tornou-se muito difícil uma única organização acompanhar os professores de toda a área indígena e problemas enfrentados pelas suas escolas, pois as mesmas apresentam situações diversas em relação à educação formal por pertencerem à distintas administrações. Criaram-se então a **WOMUPE**, organização de professores dos rios Marau e Urupadi, município de Maués (AM) e a **OPISMA**, a qual representa em torno de 110 professores dos rios Andirá e Waikurapá, municípios de Barreirinha e Parintins (AM).

Apesar de possuir vários anos de existência, a OPISMA só foi legalizada em 2006 e a partir daí começou a se estruturar e a desenvolver e gerenciar projetos, sendo que o primeiro e principal projeto que desenvolve desde 2006 é o projeto “Revitalização da Língua e das Práticas Culturais Tradicionais Sateré-Mawé”, elaborado e executado com a assessoria de Dulce do Carmo Franceschini, que coordena o projeto, juntamente com Nek’i Satere Mawe, e Denize de Souza Carneiro, assessora técnica do mesmo.

2. “Revitalização da língua e das práticas culturais tradicionais Sateré-Mawé”: relato de uma experiência.

O projeto “Revitalização da Língua e das Práticas Culturais Sateré-Mawé” que se encontra em seu terceiro ano de desenvolvimento, é fruto de mais de dez anos de reflexão com os professores sateré-mawé sobre questões referentes à importância da língua e cultura de um povo e da observação de como sua perda se dá de forma bastante rápida em uma relação desigual e de desvalorização de tudo o que está relacionado ao “ser indígena” em prol de uma maxi-valorização das coisas e valores, mesmo dos mais perversos, da sociedade envolvente. Esta situação acaba por levar os jovens indígenas a sérios conflitos existenciais e de auto-desvalorização, pois negando sua identidade indígena ficam sem nenhum referencial, uma vez que não conseguem encontrar um espaço na sociedade envolvente. Esta baixa auto-estima dos jovens e falta de perspectivas diante do que o mundo não indígena lhes mostra como modelo parece ser uma das causas de vários problemas sociais que as sociedades indígenas de um modo geral vêm enfrentando. O povo sateré-mawé não é exceção. O álcool já afeta a vida de vários jovens e até mesmo já tem levado alguns jovens ao suicídio; a prostituição de jovens, tanto do sexo masculino quanto do feminino, principalmente na cidade de Parintins e, conseqüentemente, doenças venéreas e aids já fazem parte dos problemas que a sociedade sateré-mawé terá que tratar com máxima urgência e com seriedade para não se ver dizimada.

Este quadro um tanto negativo da situação atual vivida pelos sateré-mawé, no nosso entender, poderá ser amenizado através de uma educação que consiga valorizar o “ser indígena” através da valorização dos conhecimentos tradicionais e da transmissão dos valores contidos nestes conhecimentos, assim como de uma auto-reflexão sobre os problemas que a sociedade sateré-mawé vem enfrentando e estratégias para enfrentá-los.

Com este objetivo, este projeto focaliza principalmente dois pontos: (a) **fortalecimento do uso tanto oral quanto escrito da Língua Sateré-Mawé**, principalmente no contexto escolar, através da elaboração e

publicação de materiais diversos em língua materna; associado ao (b) **resgate de saberes tradicionais** a fim de despertar o interesse e valorizar junto aos mais jovens os saberes e práticas culturais tradicionais através de oficinas e de discussões-reflexões entre os membros do próprio grupo.

A temática da revitalização lingüística e cultural é cada vez mais freqüente em instituições indígenas e eventos. A necessidade de se discutir o assunto com maior profundidade dá-se em função de importantes perdas lingüísticas e de saberes tradicionais que vêm ocorrendo nos grupos indígenas sul-americanos. No grupo Sateré-Mawé essa constatação se deu por ocasião dos estudos da língua materna, ao longo dos quais os professores perceberam que muitos aspectos da cultura, como saberes mitológicos, artes tradicionais, educação tradicional e outros, estavam deixando de fazer parte da vida dos jovens, conforme relato do professor Nek'i Sateré Mawé:

Durante os estudos da Língua Sateré-Mawé com a professora Dulce, percebemos que para não deixar a nossa cultura morrer havia necessidade de trabalhar não só a língua, como também as artes tradicionais e as histórias mitológicas (...) Sem os nossos saberes e valores, os jovens se envolvem facilmente com álcool, drogas, prostituição e também entram em conflitos culturais e existenciais (Relato oral, 2007).

Uma reflexão sobre a revitalização lingüística e cultural sateré-mawé foi iniciada há mais de 10 anos, a partir dos estudos da Língua Sateré-Mawé realizados pela linguista Dulce Franceschini com um grupo de professores indígenas. Este trabalho de pesquisa-ação resultou na publicação de vários livros monolíngües em Sateré-Mawé, dentre estes uma gramática e um dicionário para uso nas escolas. A partir de 2006, o trabalho de revitalização cultural estendeu-se a outros saberes do grupo, por meio do projeto “Revitalização da língua e das práticas culturais tradicionais Sateré-Mawé”.

2.1 A revitalização da Língua Sateré-Mawé

A Língua Sateré-Mawé foi classificada por Aryon D. Rodrigues (1984/1985) como único membro da família lingüística do mesmo nome pertencendo ao tronco Tupi. Apesar de ser considerada como uma das línguas indígenas mais faladas no Brasil, por ser usada por quase todos os membros do grupo Sateré-Mawé, não deixa de ser afetada pela política de extermínio cultural existente desde a “descoberta” do país. Constatase entre os indígenas, principalmente entre os mais jovens, uma supervalorização da língua de prestígio, ou seja, a Língua Portuguesa, em detrimento da língua materna. E essa atitude lingüística desses jovens-adultos já repercute na educação, tanto informal quanto formal, de seus filhos, a qual acaba sendo feita em Língua portuguesa. Pode-se citar como exemplo as cinco comunidades situadas no rio Waikurapá, município de Parintins; nessas comunidades, a maioria das crianças só fala a Língua Portuguesa, o que preocupa muito as lideranças tradicionais. Essa também é a situação das comunidades sateré-mawé da área do Andirá e Marau que se encontram mais próximas das cidades.

É fato que a perda lingüística é o primeiro passo para a perda dos demais saberes de um grupo, já que a visão de mundo passa necessariamente pela língua. É fato também, que esta perda traz consigo sérias conseqüências sociais, como por exemplo, baixa auto-estima, crises existenciais, suicídios, etc. Além disso, a perda de uma língua significa perder a oportunidade de obter conhecimentos que poderiam responder a problemas enfrentados atualmente não somente pelos indígenas, uma vez que a língua é a chave para o coração de um povo:

“Se perdermos a chave, perdemos o povo. Se guardarmos a chave em lugar seguro como um tesouro, abriremos as portas para riquezas incalculáveis, riquezas que jamais poderiam ser imaginadas do outro lado da porta”. (Cf. ENGHOLM, apud, MELLO, 1999)

É, portanto, de extrema importância discutir com os indígenas a questão da perda lingüística e cultural e levá-los a refletir sobre estratégias a serem adotadas a fim de fortalecer ou revitalizar suas línguas. Ou seja, é necessário que os povos indígenas adotem uma política lingüística que colabore para o fortalecimento de suas línguas e culturas.

O fato de se decidir pela elaboração de materiais didáticos monolíngües em Sateré-Mawé, já indica a adoção de uma **política lingüística de manutenção e resistência indígena**. Com isso, pretende-se valorizar a língua e, através dela, os conhecimentos tradicionais sateré-mawé no contexto escolar, principalmente. Pois sabe-se que nem sempre o bilingüismo colabora para a preservação e fortalecimento das línguas minoritárias; a prática da produção de materiais bilíngües contendo traduções em Português pode corresponder a uma forma de **bilingüismo de transição**, no qual as crianças começam a estudar as duas línguas (1ºs anos), mas,

pouco a pouco, a língua indígena vai deixando de ser usada no contexto escolar em prol do Português. Nas séries mais avançadas predominará, então, o Português. Esse tipo de bilingüismo não favorece a língua indígena, mas a língua de contato e pode reforçar práticas lingüísticas preconceituosas e significar a ausência de uma política lingüística de manutenção e resistência da cultura indígena.

O projeto de revitalização lingüística e cultural vem trabalhando neste sentido, ou seja, o de fortalecer a Língua Sateré-Mawé, desenvolvendo a funcionalidade da língua falada e escrita e as habilidades orais e escritas dos jovens em sua própria língua. Para tanto, diversas atividades são realizadas; dentre essas, pode-se citar:

- a)** oficinas lingüísticas que trabalham os conhecimentos da gramática Sateré-Mawé com os professores, visando fortalecer a língua no contexto escolar;
- b)** elaboração de livros de histórias (fictícias ou não) e de materiais de conteúdo informativo (saúde, meio ambiente, etc.) em língua materna, visando trabalhar a oralidade e escrita dos alunos em sala de aula, mas também atribuindo funções à língua escrita no seio da sociedade sateré-mawé;
- c)** correspondência para a / na Área Indígena escritas em Língua Sateré-Mawé (informes, convites, avisos, etc.), visando valorizar a língua materna escrita e estimular o aprendizado da mesma;
- d)** composição de músicas em Sateré-Mawé com letras que tratam de questões relacionadas aos saberes tradicionais e aos etnoconhecimentos e que falam da importância da revitalização lingüística e cultural, do meio ambiente - território, etc;
- e)** atividades de habilidade oral e escrita em Sateré-Mawé realizadas com os jovens durante as oficinas de artes tradicionais, como estratégia para o desenvolvimento da língua materna entre os mesmos.

2.2. A revitalização das práticas tradicionais sateré-mawé

A perda dos conhecimentos tradicionais leva a uma perda dos valores referenciais de uma sociedade. Isso é o que pode ser observado na sociedade sateré-mawé; a medida que os conhecimentos tradicionais vão sendo esquecidos, também ocorre uma desvalorização de tudo o que está relacionado ao mundo indígena, isto é, de todos os seus valores e crenças, os quais são geralmente substituídos, pouco a pouco, pelos valores e crenças da sociedade envolvente. Como consequência, observa-se uma desestruturação da sociedade. Esse conflito entre a sociedade tradicional e a envolvente (não-indígena) acaba por gerar muitos problemas para os povos indígenas que, na maioria das vezes, não sabem como enfrentá-los.

Este projeto tem, portanto, como finalidade colaborar para a valorização dos conhecimentos tradicionais indígenas, pois acreditamos que, ao valorizar a identidade indígena, pode-se melhorar a auto-estima de um povo e, dessa forma, ele estará melhor preparado para se posicionar diante do que lhe é oferecido pela sociedade envolvente. Para atingir essa finalidade, diversas atividades foram realizadas no âmbito deste projeto, dentre outras, pode-se citar:

- a)** Oficinas de artes para jovens: (1) Oficinas de Cerâmica; (2) Oficinas de Tecelagem; (3) Oficinas de Histórias Mitológicas; (4) Oficinas da arte de fazer rede;
- b)** Dez (10) encontros para professores, nos quais foram trabalhados diversos temas, dentre os quais: fortalecimento da língua e etnoconhecimentos na escola, bem como questões relacionadas aos direitos educacionais indígenas previstos na legislação;
- c)** Três (03) encontros para tuxauas (lideranças tradicionais), nos quais foram discutidos temas relacionados à questão da revitalização da liderança tradicional; fortalecimento dos valores sateré-mawé nas comunidades; problemas que ocorrem na Área Indígena, como enfrentá-los; projetos desenvolvidos na Área Indígena; conhecimentos tradicionais na escola formal; revitalização lingüística e cultural;
- d)** Dois (02) encontros para mulheres com o objetivo de refletir sobre o papel das mulheres em relação a educação tradicional sateré-mawé, bem como sobre os principais problemas que afetam a vida dos jovens e das crianças e discussão sobre estratégias / ações para enfrentar os problemas vivenciados pelos jovens;
- e)** Dois (02) encontros de agentes de saúde (AIS), nos quais foram discutidas questões relacionadas à revitalização da medicina tradicional; ao funcionamento da saúde indígena; à organização dos AIS (estatuto e formação); também foi realizada uma oficina sobre DST e AIDS e produção de textos informativos sobre essas doenças em língua materna;
- f)** Dois (02) encontros de jovens, nos quais foi feita uma reflexão sobre os valores tradicionais relacionados ao papel da mulher e do homem na sociedade sateré-mawé tradicional e na atualidade.

Essas atividades foram organizadas e executadas pelos próprios indígenas, sendo que em alguns casos assessores não-indígenas contribuíram com as reflexões e/ou auxiliaram na compreensão de assuntos que não fazem parte do mundo indígena. Foram, portanto, encontros de indígenas para refletir sobre seus

problemas com a finalidade deles mesmos, os indígenas, encontrarem formas mais adequadas à seu modo de ser e pensar, para enfrentar os problemas vividos.

2.3. Execução e gerenciamento do projeto

Este projeto foi realizado com a participação ativa dos indígenas, desde a sua elaboração até o gerenciamento e execução das atividades na Área Indígena. A implantação, planejamento e acompanhamento do projeto foram realizados pela OPISMA, com a assessoria de Dulce Franceschini, professora da Universidade Federal de Uberlândia e coordenadora geral do projeto, e Denize Carneiro, assessora técnica da OPISMA desde 2006.

Os recursos humanos são, principalmente, membros do grupo Sateré-Mawé; os mais idosos são responsáveis de repassar às crianças e jovens os conhecimentos tradicionais; a equipe da OPISMA (coordenador, tesoureiro, vice-tesoureiro, etc.) é responsável pela coordenação e acompanhamento de todo o desenvolvimento do projeto, inclusive a logística e contabilidade do projeto com a colaboração de suas assessoras; outros membros do grupo são responsáveis pela coordenação de atividades mais específicas (logística de encontros, programação, realização, documentação, etc.) com o apoio de assessores em caso de necessidade.

Além da revitalização da língua e conhecimentos tradicionais, com o intuito de contribuir com processo de autonomia dos Sateré-Mawé, este projeto tem também como finalidade formar alguns membros do grupo, principalmente da equipe da OPISMA, para execução e gerenciamento de projetos, possibilitando-lhes conhecer o funcionamento da burocracia existente na sociedade envolvente, cujos mecanismos, por não fazerem parte da realidade indígena, geralmente apresentam-se complexos. Pode-se dizer que trata-se de um projeto que pretende formar indígenas administradores e executores de projetos ao mesmo tempo em que se desenvolve.

Considerações Finais

Apesar das atividades do projeto terem sido realizadas com êxito e sua administração ter sido exemplar, várias questões em relação ao processo de revitalização linguística e das práticas tradicionais de populações minoritárias permaneceram sem resposta e nos inquietaram ao longo deste projeto. Dentre estas, a que mais incomoda é: “É possível reverter um processo de mudança, seja linguística, seja cultural, em curso, mesmo que ela represente uma grande perda cultural?” É claro que essa ‘perda cultural’ representa o nosso olhar (não-indígena) sobre os fatos. “Como os próprios indígenas vêem isso?” Podemos observar que há uma divergência entre os próprios indígenas em relação a essa questão, que é bastante complexa. Muitos defendem os conhecimentos tradicionais, sua transmissão em contexto informal e formal (escolar), mas outros acreditam que isso é perda de tempo, que na escola deve-se trabalhar os conhecimentos do mundo não-indígena e a Língua Portuguesa é que deve ser ensinada. “Poderíamos dizer que os membros do grupo apresentam diferentes níveis de aculturação?” Há aqueles que defendem o modo de ser e pensar do não-indígena, e aqueles que defendem um modo de ser e pensar sateré-mawé, seus modos de fazer e resolver os problemas cotidianos. E esses pontos de vista entram, frequentemente, em conflito quando são discutidos os problemas e as propostas de projetos para serem desenvolvidos no território indígena. É um conflito entre os valores do mundo indígena e os da sociedade não-indígena envolvente que pode ser observado, valores esses que coexistem no mundo indígena e geram vários conflitos, tanto interpessoais, quanto pessoais.

No dizer de alguns tuxauas, o projeto *Revitalização da Língua e de Práticas Culturais Tradicionais Sateré-Mawé* “é a coisa boa que está acontecendo na área indígena”. Acreditam que, se este projeto não estivesse ocorrendo, os jovens envolvidos diretamente não estariam felizes em conhecer as belezas da própria cultura, não teriam a possibilidade de ver que **é possível o desenvolvimento sem perder as suas raízes mais profundas**. Para essas lideranças, o projeto é bom e não deve parar, pois “está apenas no começo da revitalização”. Entendimento compreensível, pois se refletirmos bem, alguns anos de projeto não é tempo suficiente para “recuperar” os estragos causados em quatrocentos anos de história de contato deste povo, durante os quais os Sateré-Mawé e sua cultura foram tratados como inferiores, e assim continuam sendo tratados por muitos não-indígenas. Esse preconceito da sociedade envolvente parece ter sido internalizado por muitos indígenas, o que resulta em uma baixa auto-estima e em atitudes de super-

valorização das coisas do mundo envolvente em detrimento da própria cultura. Essa situação criada pelo contato é que precisa ser revertida, pois nenhum ser humano pode ser feliz se não valoriza o que lhe é próprio; e esse é o propósito do projeto que a OPISMA desenvolve.

Mas, acreditamos que para reverter esse processo de mudança que não é favorável ao povo Sateré-Mawé, já que gera problemas que levam a situações de morte de seres humanos e a perda de valores importantes para a vida e organização social desse grupo étnico, não bastam ações pontuais, é necessário uma ação conjunta dos vários agentes sociais que atuam com este povo.

Referências Bibliográficas

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. *O Falar Bilíngüe*. Goiânia: UFG, 1999.

RODRIGUES, Aryon D. *A originalidade das línguas Brasileiras*. Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, Brasília: 2005. Disponível em <<http://www.portalunb>>. Acesso em maio de 2009.

TEXEIRA, Pery. (org). *Sateré-Mawé retrato de um povo indígena*. Manaus: Fundo de População das Nações Unidas para Infância, 2005.